APRESENTAÇÃO

Heloiza Matos
Coordenadora do COMPOL

Este livro é fruto das pesquisas realizadas no Grupo de Pesquisa Comunicação Pública e Comunicação Política – COMPOL, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e CNPq. Foram três longos anos de leituras, seminários, reuniões e discussões que, agora, compartilhamos com a comunidade acadêmica e, com carinho especial, com toda a sociedade brasileira.

Embora variado, o universo dos capítulos apresentados possui uma mesma matriz comum, na verdade uma tríplice base de sustentação: o livro “The foundations of deliberative democracy: empirical research and normative implications”, de Jürg Steiner, discute teorias e metodologias deliberativas e suas aplicações em campos de conflito na Europa e América Latina; a coletânea de textos com práticas aplicadas de diferentes metodologias na comunicação política “The sourcebook for political communication research: methods, measures, and analytical techniques”, organizada pelos autores Erick Bucy e Lance Holbert; e, mais recentemente, a obra que compila textos fundamentais sobre as teorias da comunicação, “Theorizing communication: readings across traditions”, de Robert Craig e Heidi Muller.

Todas estas obras, ainda sem tradução brasileira, contribuíram enormemente para que o grupo de pesquisa pudesse enriquecer a compreensão das publicações nacionais recentes, dentre as quais as de José

Luiz Braga, Luiz Martino e Maria Immacolata Vassallo de Lopes, para citar apenas estes; autores que dialogam com os conceitos propostos por Craig e pelos autores pragmatistas, auxiliando na compreensão da Teoria da Comunicação como um campo, segundo a visão de Craig em 1999.

Quisemos oferecer aos autores desta coletânea de textos, tão diversos em suas histórias pessoais e em suas trajetórias de pesquisa, um mesmo referencial teórico e metodológico que permitisse um diálogo, uma conversação entre si. Aliás, na medida em que as referidas obras compilam e organizam as pesquisas em nosso campo e linha de pesquisa adotada pelo grupo, ofereciam igualmente um amplo leque de sugestões de autores, teorias, metodologias e críticas – que poderiam servir de guias para a confecção dos capítulos deste livro, e certamente durante o trabalho de pesquisa em que cada um estivesse envolvido individualmente.

Por exemplo, o livro de Craig e Muller reúne os textos clássicos da Teoria da Comunicação, provendo uma base sólida necessária para o campo de estudo construído a partir de sete Matrizes Teóricas (acrescidas por uma oitava) apresentadas por Craig, em 1999. Já o livro de Bucy e Holbert colige pesquisas de comunicação política e campanhas eleitorais desenvolvidas especialmente na América do Norte, estruturando-as em um todo orgânico de métodos, medidas e técnicas analíticas. Por fim, nota-se que os organizadores deste livro apresentam textos teóricos de autores que se detêm a alargar e aprofundar o tratamento da teoria da deliberação – efetivamente relacionada à cidadania, democracia, e novas mídias, além de outras de natureza diversa para explicar o comportamento político do eleitor.

O maior aporte dessas obras está justamente nas pesquisas empíricas que elencam, além disso, trazem *insights* importantes para compreender a importância das barreiras culturais em campanhas e o peso das migrações no caráter das políticas públicas – dois vértices de um polígono chamado, a título de ilustração apenas, Donald Trump e Estados Unidos da América. Mas esse é um fenômeno globalizado, evidentemente.

Tais obras citadas podem ajudar, de modo similar, a entender outros fenômenos contemporâneos, como a radicalização política (sociedades civis divididas e agressões *inter civis*) e a violência política (interna, com grupos radicais de direita ganhando terreno; e externa, com o avanço do Estado Islâmico e demais grupos terroristas). Ainda sobre a violência política e, sobretudo, assumida pelo crime organizado e suas formas de expressão na cultura do funk. Minha grande paixão, a comunicação pública, terá ainda que aguardar alguém que possa lhe dar um tratamento similar, em envergadura, ao que Bucy e Holbert ofereceram para a comunicação política, sem esquecer de mencionar, evidentemente, a contribuição oferecida por autores brasileiros do campo da comunicação política.

Seja como for, registramos o desejo de ver a comunicação pública em estágio acadêmico avançado, ampliando o âmbito do tema e produzindo pesquisas científicas que se colocam com o desejo de somar com outras áreas das ciências da comunicação, focadas também em políticas públicas; objetivo com o qual, modestamente, vimos contribuindo há mais de 20 anos.

Este livro é mais um grão de areia, quer dizer, é mais alguns grãos de areia aportados neste sentido: fazer avançar a pesquisa em comunicação pública. Aqui, todos os capítulos e as três seções tem a comunicação

pública como eixo temático, justamente para tentar dar um salto, se preferir um pequeno passo, na direção mais promissora (no que creio intimamente) e, de certo modo, mais frágil também – a da comunicação pública, enquanto campo de estudo e pesquisa.

Nossa matriz comum e eixo temático viabilizaram interfaces com a saúde pública, educação pública e outras esferas públicas. Vejam que fiz questão de adicionar a palavra “pública” à saúde, educação e esferas; ausente, vale notar, dos subtítulos constantes do sumário do livro. Faço isso para ressaltar o valor e o diferencial do título deste livro: o espírito “público” e, acredito, superior ao político – ainda que imbricados um no outro. Daí o nome de nosso Grupo de Pesquisa ser Comunicação Pública e Comunicação Política, nesta ordem de importância.

Visto que a apresentação da obra ficou a cargo da Dra. Ângela Marques, a quem admiro e agradeço, me limitarei a um breve comentário. Para começar, agradeço a cada um dos autores por sua gentil contribuição: eles sabem do longo e enorme trabalho que desenvolvemos para chegar aqui. Fico especialmente emocionada de ver tantos avanços em áreas que considero crucial, como no caso da cidadania, da valorização humana e da participação direta. Sabemos que os textos refletem a trajetória de seus autores, e, neste sentido, diferem qualitativa e quantitativamente. Nada mais natural. Contudo, presto minha homenagem a este grupo motivado, trabalhador, corajoso e, acima de tudo, sério. Muitos participaram dos seminários quinzenais por videoconferência, apesar de problemas pessoais, familiares, ou de trabalho, e escreveram sob as condições mais adversas. A isso reconheço, valorizo, e agradeço especialmente.

Alguns dos membros de nosso Grupo de Pesquisa já não estão mais conosco, e outros não puderam contribuir com textos para a presente publicação. A todos eles meu agradecimento pelas contribuições anteriores. Outros, como Patricia Gil e Luciana Moretti, contribuíram fortemente para a definição da temática da obra. Meu carinho especial à Simone Carvalho, pelo competente trabalho de revisão e acompanhamento de todo o processo de edição.

Da parte I do livro, gostaria de ressaltar a importância da comunicação pública para a área de saúde, especialmente em um Brasil cada vez mais idoso, obeso, diabético, entre outras doenças degenerativas. Num país onde ainda proliferam endemias fortuitas como Zika, Dengue, Chikungunya, a discussão sobre saúde pública é necessária e urgente.

A parte II do livro resgata a interface entre a comunicação pública e a educação, convidando a pensar a sociedade inteira como escola, um ambiente de promoção pervasiva e ostensiva de valores cívicos e, mais relevante ainda, dedicado à capacitação universal em habilidade cidadãs.

Por fim, da parte III do livro destacaria o papel reservado à comunicação pública em situações de estresse social, quer tomem a forma de eleições ou demandas sociais, quer se apresentem como fenômenos migratórios ou ligados à criminalidade.

Em cada um dos capítulos, os autores buscaram aliar as teorias e metodologias da comunicação utilizadas em suas pesquisas, mesmo quando complementares às três obras citadas com ponto de partida.

Minha pesquisa em comunicação pública tem me exigido, um pouco a contragosto, seguir insistindo na negação de que ela seja apenas “comunicação governamental”. Isto é, parte do trabalho é mostrar o que

a comunicação pública “não é”, no todo ou em parte. Porém, o que me dá maior prazer é justamente o antípoda, a saber, tentar imaginar “o que é e onde está” a comunicação pública.

Por exemplo, me encanta que a comunicação pública, como habilidade cívica, possa ser adotada por cidadãos comuns – tanto em ambiente escolar quanto em outras esferas públicas, tais como a família ou no espaço de trabalho.

Me estimula igualmente saber que a universidade, em parte através das atividades de extensão, assuma um papel reservado neste sentido. Mas me preocupa reconhecer que, talvez, não estejamos, enquanto sociedade, progredindo suficientemente rápido na direção necessária e desejada. Daí que este livro é parte do trabalho de mostrar o que a comunicação pública “deveria ser”, e o que está se interpondo para que isso ocorra.

O futuro da comunicação pública está, portanto, no empoderamento das pessoas comuns: tanto na preparação das futuras gerações - na capacitação de mais e melhores comunicadores públicos, treinamento e oportunidades de engajamento cívico e político, quanto no reconhecimento e cuidado para com a geração atual (penso especialmente no caso de deficientes físicos, idosos, enfermos, pobres e miseráveis). Neste sentido, a comunicação pública ainda tem muito que aprender da “teoria do reconhecimento”, da “teoria da dádiva”, da teoria do “capital social”.

A comunicação pública também há de passar pelo estímulo de uma série de funções da comunicação, tais como: *função identitária*, encarregada de estabelecer uma identidade coletiva, um diferencial cognitivo perceptível e contrastável; *função cultural*, responsável por desenvolver um caráter comunitário próprio, através de expressões artística,

folclóricas, esportivas, e científicas que cheguem a representar um estoque singular de saber, fazer, e do bem viver; *função coesiva*, um vetor de gestão e solução de conflitos e de promoção de uma convivência pacífica e tolerante; *função deliberativa*, enquanto rol de e processos de participação discursiva e de percepção da eficácia real de tal participação na gestão da *polis*; *função valorativa*, que é o uso da palavra com o objetivo de reconhecer e valorizar o outro, na construção do respeito e dos afetos, por exemplo, como antídoto para o ódio à democracia; *função curativa*, no uso da expressão pública para curar feridas (de guerras, atentados terroristas, desastres naturais) e catalisar o luto coletivo, e no uso da palavra como tratamento terapêutico para a comunidade; dentre outras.

Este nosso livro foi, até certo ponto, surpreendente até para mim. Os artigos acabaram dando ênfase, de forma espontânea e natural, quer dizer, de forma não prevista nem planejada, para a cidadania e para a educação, ressaltando a importância social da participação direta no desenho e na aplicação das políticas públicas. Ou seja, as teorias conduziram para uma práxis, uma ação prática fundamental. Isso reforça o viés empírico do campo: de medir e buscar ações concretas no presente e de desenvolver novas e melhores técnicas para medir e rastrear fenômenos de comunicação pública no futuro. Reconheço a contribuição das obras estrangeiras adotadas no grupo de pesquisa, aliadas às pesquisas e publicações nacionais. Mas, ainda, há muito que fazer na pesquisa teórica e aplicada vindoura em comunicação pública e política!

Heloiza Matos

Dezembro de 2016